

Públio Athayde

**As cartas chilenas: Notas de leitura
Carta terceira.**

**Em que se contam as injustiças e violências que Fanfarrão
executou por causa de uma cadeia, a que deu princípio.
Correspondência entre texto e arquitetura.**

**Ouro Preto
2007**

Públio Athayde

Sumário

1	As cartas chilenas	2
1.1	<i>Carta terceira</i>	2
2	Resumo	6
2.1	<i>A casa da Câmara e Cadeia (Museu da Inconfidência)</i>	9
3	Personagens e eventos	10
3.1	<i>Personagens.....</i>	10
3.1.1	<i>Critilo</i>	10
3.1.2	<i>Doroteu</i>	10
3.1.3	<i>Governador</i>	11
3.2	<i>Eventos.....</i>	11
4	Bibliografia	12

1 As cartas chilenas

1.1 Carta terceira¹

Em que se contam as injustiças e violências que Fanfarrão executou por causa de uma cadeia, a que deu princípio.

Que triste, Doroteu, se pôs a tarde!
Assopra o vento sul, e densa nuvem
Os horizontes cobre; a grossa chuva,
Caindo das biqueiras dos telhados
Forma regatos, que os portais inundam.
Rompem os ares colubrinas fachas
De fogo devorante e ao longe soa,
De compridos trovões, o baixo estrondo.
Agora, Doroteu, ninguém passeia,
Todos em casa estão, e todos buscam
Divertir a tristeza, que nos peitos
Infunde a tarde, mais que a noite feia.
O velho Altimidonte, certamente,
Tem postas nos narizes as cangalhas
E revolvendo os grandes, grossos livros.
C'os dedos inda sujos de tabaco,
Ajunta ao mau processo muitas folhas
De vãs autoridades carregadas.
O nosso bom Dirceu, talvez que esteja.
Com os pés escondidos no capacho,
Metido no capote, a ler gostoso
O seu Vergílio o seu Camões e Tasso.
O termo Floridoro, a estas horas,
No mole espreguiceiro se reclina
A ver brincar, alegres, os filhinhos,

Um já montado na comprida cana
E outro pendurado no pescoço
Da mãe formosa, que risonho abraça.
O gordo Josefino está deitado,
Nada lhe importa, nem do mundo sabe,
Ao som do vento, dos trovoes e chuva,
Como em noite tranqüila, dorme e ronca;
O nosso Damião, enfim, abana
Ao lento fogo com que, sábio, tira
Os úteis sais da terra e o teu Critilo,
Que não encontra, aqui, com quem murmure,
Quando so murmurar lhe pede o gênio,
Pega na pena e desta sorte voa,
De cá, tão longe, a murmurar contigo.
Já disse, Doroteu, que o nosso chefe,
Apenas principia a governar-nos,
Nos pertende mostrar que tem um peito
Muito mais terno e brando, do que pedem
Os severos ofícios do seu cargo.
Agora, cuidarás, prezado amigo,
Que as chaves das cadeias já não abrem,
Comidas da ferrugem? Que as algemas,
Como trastes inúteis, se furtaram?
Que o torpe executor das graves penas
Liberdade ganhou? Que já não temos
Descalços guardiães, que à fonte levem,
Metidos nas correntes, os forçados?
Assim, prezado amigo, assim devia
Em Chile acontecer, se o nosso chefe
Tivesse, em governar, algum sistema.
Mas, meu bom Doroteu, os homens néscios
As folhas dos olmeiros se comparam:
São como o leve fumo, que se move

¹ Texto obtido da edição digital de <http://pt.wikisource.org/wiki/Cartas_Chilenas/III>. Acesso em 13 de fevereiro de 2007.

Para partes diversas, mal os ventos
Começam a apontar, de partes várias.
Ora, pois, doce amigo, atende o como
No seu contrário vício, degenera
A falsa compaixão do nosso chefe,
Qual o sereno mar, que, num instante,
As ondas sobre as ondas encapela.
Pertende, Doroteu, o nosso chefe
Erguer uma cadeia majestosa,
Que possa escurecer a velha fama
Da torre de Babel e mais dos grandes,
Custosos edifícios que fizeram,
Para sepulcros seus, os reis do Egito.
Talvez, prezado amigo, que imagine
Que neste monumento se conserve
Eterna, a sua glória, bem que os povos
Ingratos não consagrem ricos bustos
Nem montadas estátuas ao seu nome.
Desiste, louco chefe, dessa empresa:
Um soberbo edifício levantado
Sobre ossos de inocentes, construído
Com lágrimas dos pobres, nunca serve
De glória ao seu autor, mas, sim, de opróbrio.
Desenha o nosso chefe, sobre a banca,
Desta forte cadeia o grande risco,
A proporção do gênio e não das forças
Da terra decadente, aonde habita.
Ora, pois, doce amigo, vou pintar-te
Ao menos o formoso frontispício.
Verás se pede máquina tamanha
Humilde povoado, aonde os grandes
Moram em casas de madeira a pique.
Em cima de espaçosa escadaria
Se forma do edifício a nobre entrada
Por dois soberbos arcos dividida;

Por fora destes arcos se levantam
Três jônicas colunas, que se firmam
Sobre quadradas bases e se adornam
De lindos capitéis, aonde assenta
Uma formosa, regular varanda;
Seus balaústres são das alvas pedras
Que brandos ferros cortam sem trabalho.
Debaixo da cornija, ou projetura,
Estão as armas deste reino abertas
No liso centro de vistosa tarja.
Do meio desta frente sobe a torre
E pegam desta frente, para os lados,
Vistasas galerias de janelas
A quem enfeitam as douradas grades.
E sabes, Doroteu, quem edifica
Esta grande cadeia? Não, não sabes.
Pois ouve, que eu t'ó digo: um pobre chefe
Que, na corte, habitou em umas casas
Em que já nem abriam as janelas.
E sabes para quem? Também não sabes.
Pois eu também t'ó digo: para uns negros
Que vivem, (quando muito), em vis cabanas,
Fugidos dos senhores, lá nos matos.
Eis aqui, Doroteu, ao que se pode
Muito bem aplicar aquela mofa
Que faz o nosso mestre, quando pinta
Um monstro meio peixe e meio dama.
Na sabia proporção é que consiste
A boa perfeição das nossas obras.
Não pede, Doroteu, a pobre aldeia
Os soberbos palácios, nem a corte
Pode, também, sofrer as toscas choças.
Para haver de suprir o nosso chefe
Das obras meditadas as despesas,
Consome do senado os rendimentos

E passa a maltratar ao triste povo,
Com estas nunca usadas violências:
Quer cópia de forçados que trabalhem
Sem outro algum jornal, mais que o sustento
E manda a um bom cabo que lhe traga
A quantos quilombotas se apanharem
Em duras gargalheiras. Voa o cabo,
Agarra a um e outro e num instante
Enche a cadeia de alentados negros.
Não se contenta o cabo com trazer-lhe
Os negros que têm culpas, prende e manda
Também, nas grandes levas, os escravos
Que não têm mais delitos que fugirem
Às fomes e aos castigos, que padecem
No poder de senhores desumanos.
Ao bando dos cativos se acrescentam
Muitos pretos já livres e outros homens
Da raça do país e da européia
Que, diz ao grande chefe, são vadios
Que perturbam dos povos o sossego.
Não há, meu Doroteu, quem não se molde
Aos gestos e aos costumes dos maiores.
Brincando, os inocentes os imitam,
Se as tropas se exercitam, eles fingem
As hórridas batalhas. Se se fazem
Devotas procissões, também carregam
Aos ombros os andores e as charolas.
Os mesmos magistrados se revestem
Do gênio e das paixões de quem governa.
Se o rei é piedoso, são benignos
Os severos ministros, se é tirano
Mostram os pios corações de feras.
Por isso, Doroteu, um chefe indigno
É muito e muito mau, porque ele pode
A virtude estragar de um vasto império.

Os nossos comandantes, que conhecem
A vontade do chefe, também querem
Imitar deste cabo o ardente zelo.
Enviam para as pedras os vadios
Que, na forma das ordens, mandar devem
Habitar em desterro novas terras.
Ora, pois, doce amigo, já que falo
Nos nossos comandantes, será justo
Que te dê destes bichos uma idéia.
A gente, Doroteu, que não se alista
Nas tropas regulares forma corpos
De bisonha ordenança. Não há terra
Sem ter um corpo destes. Os seus chefes
Ao capitão maior estão sujeitos,
E são os que se chamam comandantes,
Porque as partes comandam destes terços.
Estes famosos chefes, quase sempre
Da classe dos tendeiros são tirados.
Alguns, inda depois de grandes homens,
Se lhe faltam os negros, a quem deixam
O governo das vendas, não entendem
Que infamam as bengalas, quando pesam
A libra de toucinho e quando medem
O frasco de cachaça. Agora atende,
Verás que desta escória se levanta
De magistrados uma nova classe.
Aos ricos taverneiros, disfarçados
Em ar de comandantes, manda o chefe
Que tratem da polícia e que não deixem
Viver, nos seus distritos, as pessoas
Que forem revoltosas. Quer que façam
A todos os vadios uns sumários
E que, sem mais processos, os remetam
Para remotas partes, sem que destas
Jurídicas sentenças, se faculte

Algun recurso para mor alçada.
Já viste, Doroteu, um tal desmancho?
As santas leis do reino não concedem
Ao magistrado régio, que execute,
No crime, o seu julgado e o nosso chefe
Quer que dêem as sentenças sem apelo
Incultos comandantes, que nem sabem
Fazer um bom diário do que vendem!
Concedo, caro amigo, que estes homens
São uns grandes consultos, que meteram
Os corpos do direito nos seus cascos.
Ainda assim pergunto: e como pode
O chefe conceder-lhes esta alçada ?
Ignora a lei do reino, que numera
Entre os direitos próprios dos augustos
A criação dos novos magistrados?
O grande Salomão lamenta o povo
Que sobre o trono tem um rei menino;
Eu lamento a conquista a quem governa
Um chefe tão soberbo e tão estulto
Que, tendo já na testa brancas repas,
Não sabe, ainda, que nasceu vassalo.
Os néscios comandantes e o bom cabo,
Que fez o nosso herói geral meirinho,
Remetem, nas correntes, povo imenso.
Parece, Doroteu, que temos guerras;
Que, para recrutar as companhias,
De toda a parte vêm chorosas levas.
Aqui, prezado amigo, principia
Esta triste tragédia, sim, prepara,
Prepara o branco lenço, pois não podes
Ouvir o resto, sem banhar o rosto
Com grossos rios de salgado pranto.
Nas levas, Doroteu, não vêm somente
Os culpados vadios; vem aquele

Que a dívida pediu ao comandante;
Vem aquele, que pôs impuros olhos
Na sua mocetona e vem o pobre,
Que não quis emprestar-lhe algum negrinho,
Para lhe ir trabalhar na roça e lavra.
Estes tristes, mal chegam, são julgados
Pelo benigno chefe a cem açoites.
Tu sabes, Doroteu, que as leis do reino
Só mandam que se açoitem com a sola
Aqueles agressores, que estiverem.
Nos crimes, quase iguais aos réus de morte.
Tu também não ignoras que os açoites
Só se dão, por desprezo, nas espáduas,
Que açoitar, Doroteu, em outra parte
Só pertence aos senhores, quando punem
Os caseiros delitos dos escravos.
Pois todo este direito se pretere:
No pelourinho a escada já se assenta,
Já se ligam dos réus os pés e os braços,
Já se descem calções e se levantam
Das imundas camisas rotas fraldas,
Já pegam dois verdugos nos zorragues,
Já descarregam golpes desumanos,
Já soam os gemidos e respingam
Miúdas gotas de pisado sangue.
Uns gritam que são livres, outros clamam
Que as sábias leis do rei os julgam brancos,
Este diz que não tem algum delito
Que tal rigor mereça, aquele pede
Do justo acusador, ao céu, vingança.
Não afrouxam os braços os verdugos,
Mas, antes, com tais queixas, se duplica
A raiva nos tiranos, qual o fogo
.Que aos assopros dos ventos ergue a chama
Às vezes, Doroteu, se perde a conta

Dos cem açoites, que no meio estava,
Mas outra nova conta se começa.
Os pobres miseráveis já nem gritam.
Cansados de gritar, apenas soltam
Alguns fracos suspiros, que enternecem.
Que é isso, Doroteu, tu já retiras
Os olhos do papel? Tu já desmaias?
Já sentes as moções, que alheios males
Costumam infundir nas almas ternas?
Pois és, prezado amigo, muito fraco,
Aprende a ter o valor do nosso chefe
Que à janela se pôs e a tudo assiste
Sem voltar o semblante para a ilharga.
E pode ser, amigo, que não tenha
Esforço, para ver correr o sangue,

Que em defesa do trono se derrama.
Aos pobres açoitados manda o chefe
Que, presos nas correntes dos forçados,
Vão juntos trabalhar. Então se entregam
Ao famoso tenente, que os governa
Como sábio inspetor das grandes obras.
Aqui, prezado amigo, principiam
Os seus duros trabalhos. Eu quisera
Contar-te o que eles sofrem, nesta carta,
Mas tu, prezado amigo, tens o peito,
Dos males que já leste, magoado,
Por isto é justo que suspenda a história,
Enquanto o tempo não te cura a chaga.

2 Resumo

A narrativa desta carta inicia pela descrição de tempos escuros, um anoitecer prematuro, clara alusão a fatos políticos adversos.

“Todos em casa estão, e todos buscam
Divertir a tristeza, que nos peitos
Infunde a tarde, mais que a noite feia.”

Dirceu, o destinatário da missiva, certamente estaria ao abrigo da intempérie, entregue aos clássicos. Outros cidadãos estariam com suas famílias e o autor narra por solidão.

Reafirma que o Governador, mal iniciada a gestão, já se entregara a desmandos, aparenta uma brandura com os condenados que não seria condizente com a lei ou o bom senso. Os grilhões enferrujam, o carrasco está ocioso, não há ordem no governo.

Mas o governador está edificando uma nova cadeia, um monumento que conservasse seu nome... Mas seria um edifício magnífico construído do sofrimento alheio. Seria o a execração para seu autor.

O governador projetou um prédio baseado em sua arrogância, não correspondendo à necessidade e aos recursos da vila. Os versos que se seguem descrevem a fachada do edifício; eu os transcrevo no tópico seguinte, apontando os elementos arquitetônicos correspondentes.

Em seguida Critilo, personagem autor da carta, diz que o encarregado da obra, desqualificando-o, nem tinha bem onde morar no corte, e que a edificação se destinaria a negros que viviam em cabanas.

A referência que se faz então, comparando o governador a uma sereia, fundamenta-se na retórica do gênero, construindo uma depreciação pela monstruosidade, pela desproporção e louvando a harmonia, que não é encontrada no governador nem na edificação (pelo tamanho exagerado).

“Na sabia proporção é que consiste
A boa perfeição das nossas obras.”

Critilo ainda menciona a Doroteu que a obra consome todos os recursos do senado (da câmara) privando a municipalidade. O governador ainda exige empréstimo de mão-de-obra (escravos) de quem os tem, manda prender pessoas mais humildes para os forçar ao trabalho na obra, captura quilombolas e usa de outros expedientes ilegais para conseguir trabalhadores.

Critilo ressalta as ilegalidades cometidas, em passagem que denota sua instrução nas leis. Aproveitando sempre para atacar o governador em sua ignorância jurídica:

“O grande Salomão lamenta o povo
Que sobre o trono tem um rei menino;
Eu lamento a conquista a quem governa
Um chefe tão soberbo e tão estulto
Que, tendo já na testa brancas repas,
Não sabe, ainda, que nasceu vassalo.”

Diz na carta que a situação parece de guerra, tamanha a prática de exceção: prisões, confiscos, extorsão, abuso de poder. Abuso da chibata, empregada acima e além do modo previsto em lei.

A carta finda o a narrativa de um castigo, ilegal e injusto, aplicado a um negro; chibata e tronco de forma cruel e humilhante, o que certamente teria comovido em excesso a Doroteu, pelo que a narrativa se interrompe.

“Que açoitar, Doroteu, em outra parte
Só pertence aos senhores, quando punem (...)
No pelourinho a escada já se assenta,
Já se ligam dos réus os pés e os braços,
Já se descem calções e se levantam
Das imundas camisas rotas fraldas,
Já pegam dois verdugos nos zorragues,
Já descarregam golpes desumanos,
Já soam os gemidos e respingam
Miúdas gotas de pisado sangue.(...)
Dos cem açoites, que no meio estava,
Mas outra nova conta se começa.
Os pobres miseráveis já nem gritam. (...)
Mas tu, prezado amigo, tens o peito,
Dos males que já leste, magoado,
Por isto é justo que suspenda a história,
Enquanto o tempo não te cura a chaga.

2.1 A casa da Câmara e Cadeia (Museu da Inconfidência)

Observe-se a detalhada descrição da fachada feita por Crítilo:

“Ora, pois, doce amigo, vou pintar-te

Ao menos o formoso frontispício.

Verás se pede máquina tamanha

Humilde povoado, aonde os grandes

Moram em casas de madeira a pique.

Em cima de espaçosa escadaria

Se forma do edifício a nobre entrada

Por dois soberbos arcos dividida;

Por fora destes arcos se levantam

Três jônicas colunas, que se firmam

Sobre quadradas bases e se adornam

De lindos capitéis, aonde assenta

Uma formosa, regular varanda;

Seus balaústres são das alvas pedras

Que brandos ferros cortam sem trabalho.

Debaixo da cornija, ou projetura,

Estão as armas deste reino abertas

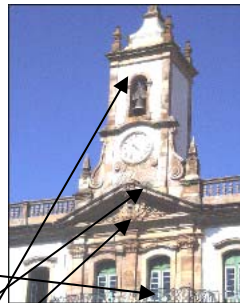
No liso centro de vistosa tarja.

Do meio desta frente sobe a torre

E pegam desta frente, para os lados,

Vistasas galerias de janelas

A quem enfeitam as douradas grades.”



3 Personagens e eventos

3.1 Personagens

3.1.1 Critilo

O Autor da carta, supostamente Tomás Antonio Gonzaga², que escreve ao amigo narrando os eventos ocorridos em Chile, para se referir a tudo que acontece na Capitania. O que se pode notar, pelo texto, em análise interna, é o letramento do personagem e sua instrução em leis.

3.1.2 Doroteu

O destinatário da carta, alegadamente o poeta Cláudio Manuel da Costa³, mas é um personagem criado como destinatário genérico, um interlocutor culto e também versado em lei e que notaria as referências de Critilo à literatura clássica e práticas jurídicas do reino.

² Tomás Antonio Gonzaga nasceu em 1744, Porto (Portugal), e faleceu em 1810, em Moçambique (África). Era filho e neto de brasileiros. Completou sua educação, na Universidade de Coimbra, onde ingressou em 1761, bacharelando-se em Leis. Em 1782 sendo nomeado ouvidor em Vila-Rica (Minas Gerais), desempenhou este cargo com simpatia e agrado e era consultado pelos governadores em todos os negócios difíceis e complicados. Envolve-se na Conjuração Mineira, preso a 21-5-1787, removido para a prisão da ilha das Cobras, tem seus bens confiscados. Sofre pena de desterro, enviado a 23-5-1792, para a costa oriental da África, sentença de 10 anos de degredo.

³ Cláudio Manuel da Costa (Vargem do Itacolomi, 5 de junho de 1729 — Vila Rica, 4 de junho de 1789). Filho de João Gonçalves da Costa, português, e Teresa Ribeira de Alvarenga, mineira, nasceu na atual cidade de Mariana. Tornou-se conhecido principalmente pela sua obra poética e pelo seu envolvimento na inconfidência mineira, advogado de prestígio, fazendeiro abastado, cidadão ilustre, pensador de mente aberta e mecenas do Aleijadinho. Estudou cânones em Coimbra e há quem acredite que ele tenha traduzido a obra de Adam Smith para o português, mas isso nunca foi muito bem fundamentado. Entre 1753 e 54, exerceu advocacia em Vila Rica, onde também exerceu o importante cargo de secretário do Governo. Aos sessenta anos foi comprometido na chamada Conjuração Mineira. Preso, morreu em circunstâncias obscuras, no dia 4 de julho de 1789, quando teria se suicidado na prisão.

3.1.3 Governador

O governador de Chile (Fanfarrão Minésio) com toda certeza se refere a Cunha Menezes⁴, nobre português sem formação jurídica que, segundo o missivista, se prestou a inúmero desmandos na gestão de seu cargo na Capitania. O autor usa intermináveis apóstrofes depreciativas ao personagem: “o nosso chefe” (com ironia), “louco chefe”, “chefe tão soberbo”, etc. Todos os recursos retóricos para a degradação do personagem são empregados pelo autor, nesta carta, os argumentos nesse sentido são a ignorância jurídica e a falta de fundamentos nas atitudes de sua gestão. O personagem encarna e sintetiza todo mal da Capitania, estendendo a seus subordinados os mesmos vícios.

3.2 Eventos

Os principais eventos narrados são referentes à construção do Edifício da antiga Casa da Câmara e Cadeia, hoje sede do Museu da Inconfidência. Foi construído de 1785 a 1855 e é um dos mais belos espécimes da arquitetura brasileira do período colonial. Suas paredes, no primeiro pavimento, atingem dois metros de espessura. A obra foi considerada faraônica e demandou mão de obra e recursos que exauriram as finanças públicas e dilapidaram inclusive os recursos privados por extorsões e violências abusivamente praticadas.

⁴ Luís da Cunha Menezes, que governou de 1783 a 1788. Menezes, que era alvo de gozação perante o povo, se tornaria famoso pela forma com que tratava os seus desafetos. Foi no seu governo que a Coroa Portuguesa instituiu a histórica e temida (e famosa) Derrama, quando a metrópole exigia de seus súditos até aquilo que eles não eram capazes de possuir.

4 Bibliografia

FURTADO, Joaci Pereira. O falso manifesto da revolução que nunca houve. **Nossa História**, São Paulo, n. 31, p. 80-83, mai 2006.

FURTADO, Joaci Pereira. **Uma República de Leitores** – História e memória na recepção das Cartas Chilenas (1845-1989). São Paulo: Hucitec, 1997.

FURTADO, João Pinto. Uma república entre dois mundos: Inconfidência Mineira, historiografia e temporalidade. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 21, n. 42, 2001. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 fevereiro de 2007.

GONZAGA, Tomás Antônio. Carta terceira: em que se contam as injustiças e violências que Fanfarrão executou por causa de uma cadeia, a que deu princípio. *In As cartas chilenas*. <http://pt.wikisource.org/wiki/Cartas_Chilenas/III> Acesso em 13 de fevereiro de 2007.

GONZAGA, Tomás Antônio. Carta terceira: em que se contam as injustiças e violências que Fanfarrão executou por causa de uma cadeia, a que deu princípio. *In As cartas chilenas*

<<http://www.biblio.com.br/Templates/TomasAntonioGonzaga/cartaschilenas.htm>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2007.

GONZAGA, Tomás Antônio. Carta terceira: em que se contam as injustiças e violências que Fanfarrão executou por causa de uma cadeia, a que deu princípio. *In As cartas chilenas* (Introdução, cronologia, notas e estabelecimento de texto por Joaci Pereira Furtado). São Paulo: Companhia das Letras. 1996

GONZAGA, Tomás Antônio. Carta terceira: em que se contam as injustiças e violências que Fanfarrão executou por causa de uma cadeia, a que deu princípio. *In As cartas chilenas* <<http://alecrim.inf.ufsc.br/bdnupill/arquivos/texto/0006-01119.html>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2007.

OLIVEIRA, Tarquínio J. B. de. **Cartas Chilenas** – Fontes Textuais. São Paulo: Referência, 1972.